

CARTAS A UM JOVEM BLOGGER

Rio, 22 de dezembro de 2004

Meu caro,

Sinto se demorei um pouco para responder. Tenho estado muito ocupado nos últimos dias, mas tento sempre responder o mais rápido que posso.

Procurando iniciar esta conversa respondendo suas perguntas primeiro, encontrei-me num dilema: como tinha descoberto o seu blog? Continuo sem confiar muito na minha memória mas, se não me engano, vc fez algum comentário em um dos blogs que costumo visitar esporadicamente. Foi algo de pura curiosidade, pois vc usa um apelido bem peculiar. Outra coisa foi ter lido que você tem vinte anos. Foi por isso que resolvi comentar. Ainda não li muito da sua produção mas pelo tamanho do seu blog, e considerando a sua idade, diria que você pratica bastante. Sem mencionar que a minha primeira impressão foi de um jovem de 20 anos que não utiliza o blog como um diário/agenda online para registrar a própria vida. Pensei: "20 anos e se arriscando assim... Acho que devo comentar..." E foi assim que resolvi me intrometer e dizer o que disse.

Fico feliz que tenha se comunicado e que tenha apreciado uma crítica. Raro alguém responder minhas provocações via email (ficamos sempre mais pessoais desta forma, certo?). Tão raro quanto alguém que conceda a si mesmo o direito de crítica. Tenho freqüentado o meio acadêmico e artístico e são pouquíssimos os que acreditam que de uma crítica possa surgir um diferencial que possa enriquecer, ou nos fazer acordar para aquilo que fazemos.

Aqui me refiro a todos os praticantes da arte, ou ainda aos bem intencionados do ramo. A verdade é que nem Picasso conseguia transformar em arte tudo que rabiscava. Eis aqui uma constatação: nem tudo que fazemos é arte. Escrevemos páginas e, de repente, podemos ter produzido uma com caráter, originalidade e expressão suficiente para atingir um grau artístico. Acho que o blog tem esse mérito, é uma ferramenta que nos incentiva ao exercício. Para alcançar a escrita nunca podemos nos cansar do ofício: precisamos domar a palavra; temos que pensar com os dedos, a pena, o lápis.

Para ilustrar, lembro agora que Mário de Andrade, depois de ler o primeiro livro de Fernando Sabino, escreveu para o então jovem e iniciante escritor que lhe mandara o volume, e a propósito disso se intrometeu em tudo. A começar pelo nome do escritor, que assinava o nome todo: Fernando Tavares Sabino. Sem lhe poupar, Mário retrucou: "Se quiser continuar sendo escritor, antes de

mais nada tem que encurtar o nome. Tavares Sabino, Fernando Tavares, Fenando Sabino. O que é impossível é Fernando Tavares Sabino." Imagine-se nessa posição. Nem preciso dizer o que fez o nosso querido Fernandinho, certo?

Dessa forma, sinto que você parece acreditar nisso. Fico feliz. No fundo, o que quis com tudo isso foi dizer que, acima de tudo, se pretende escrever, leia. Agora cuidado redobrado com o poema, que "fazer poesia é um negócio muito sério" - disse Drummond. Este gênero, mais que outros, é desvalorizado hoje em dia. É o menos lido, por isso quando acreditamos ter feito um poema, e por isso somos elogiados, logo acreditamos ter encontrado uma pepita. Mas se o elogiador nunca lê poemas, como poderia saber se há ali um poema quando encontra um, ou se este é bom?

A título disso lembrei de um "causo" muito instigante - quase tragédia - mas que exemplifica. Certa vez estava conversando com o Gilberto (Mendonça Teles, crítico, poeta e professor de Literatura), que me contou que anos atrás fez parte de uma banca examinadora e, para sua surpresa, o trabalho apresentado afirmava que analisaria os poemas de Mário de Andrade, no que o estudioso começa pelo "Prefácio interessantíssimo". Ora, apesar desse texto estar disposto com frases que não vão até o fim da linha (assim como versos de um poema), trata-se de um manifesto. Ao adotar "versos" para escrever este texto, Mário não apenas expõe as suas idéias modernistas, ele as aplica alterando o corpo do texto. Agora, imagine o nosso estudioso sob exame descobrindo isso no dia da apresentação do seu trabalho. Que saia justa, pensamos. Mas o que faltou? Leitura, profundidade, só assim ele teria chegado a parâmetros para poder comparar e concluir o que era aquilo diante dele. Existem mais de cinquenta espécies de tubarão só nas costas brasileiras, mas para mim o universo dos tubarões é reduzido assim: os do Spielberg, os brancos, os cabeça de martelo, e aqueles que tenho que me manter afastado (que é um conjunto que abrange todos os demais, claro!). Como alguém como eu poderia reconhecer a mordida de um tubarão tigre, feita em um banhista? Entende o que quero dizer? Este não pode ser um terreno de especuladores. Agora, o caminho para ser um "tubarófilo" ou um leitor de poesia é o mesmo: os livros.

Mas chega de exemplos por ora ou terei me tornado um enfadonho comentador já no primeiro contato. Fique com meus sinceros abraços e na companhia de pinga da melhor qualidade.

Gregório D'Engenho, o aguardente

Rio, 15 de janeiro de 2005

Meu caro:

Sinto muitíssimo tê-lo feito esperar mas realmente estou atolado em trabalho. Chegou um momento em que a literatura é bem mais que um passatempo para mim. Espero que esta semana comece a ter mais tempo para ler os blogs amigos novamente. Mas, passemos a sua pergunta. Faz dias que penso em como e quais exemplos usar para respondê-la.

Nesse meio tempo, recebi uma mensagem de um grande amigo, ator e professor, que foi passar as festas no nordeste com os pais. Foi através da mensagem dele que vi o exemplo perfeito para te dar. Veja o que ele me escreveu:

Feliz Ano Novo!

Estou em Caruaru, vim passar as festas de final de ano por aqui. Fui reprovado na prova de inglês do doutorado, irei precisar de vc. Assim que chegar ao Rio farei contato para ver o que vc pode fazer por mim.

O clima aqui é seco, sem chuva, rostos tristes, versos tortos
o interior distante da capital retarda a modernidade de um todo.
Cadê a alegria da cultura global?
Me perdi no nada da seca.

Abraços

Sem querer, meu amigo tinha praticamente feito um poema. Considere o último parágrafo dele. Não percebeu ainda? Há duas coisas para vc perceber. Primeiro: as imagens; pense nas imagens que ele apresenta. Todas parecem convergir para o tema da seca. Segundo: poesia é ritmo. Perceba como, para dizer mais, para causar em minha uma impressão mais forte, ele optou por usar períodos curtos. A primeira coisa que alguém deve praticar na poesia contemporânea é como causar este efeito imagem/ritmo combinados. Agora, vamos mexer um pouquinho:

O clima aqui é seco
sem chuva,
rostos tristes,

versos tortos
o interior distante da capital retarda
a modernidade de um todo.
Cadê a alegria da cultura global?
Me perdi
no nada da seca.

Eis aí nossa argamassa! Como transformar isso num poema?
Suprimindo idéias que se sobrepõem e acrescentando a outras
que podemos enfatizar. Vamos ver isso do modo mais
praticamente possível, ou seja, eliminando-se o óbvio: é
claro que estou falando do clima... Se é seco, claro que
não chove... Já que isso não é geografia, não preciso do
mapa: quero o interior ou a capital no meu poema?
Tendo isso em mente, ficamos com:

aqui é seco

rostos tristes,
versos tortos

o interior distante
retarda
a modernidade de um todo.
Cadê a alegria da cultura global?
Me perdi
no nada da seca.

Quebrar o texto dessa maneira aumenta nossa tensão
sobre a imagem final. Apenas apresentamos o que o leitor
vê, ele é que tem a tarefa de ver além. Podemos então
suprimir artigos desnecessários e tentar encontrar um
equilíbrio entre palavras soltas e um período completo.
Vamos acrescentar umas coisinhas:

aqui é seco
rostos tristes
retorcido
versos tortos
interior distante
retarda
modernidade de todo.
a alegria da cultura global?

me perdi
no nada seca.

Usei a palavra retorcido pois crio um efeito de ressecamento, algo assim como que realçando as repetições do som de "r", que estão por todo o texto. No final elas se opõem ao som de "r", o que aumenta o efeito. Poderia até cortar mais, mas eu escolho que quero manter alguns traços ainda do discurso, fragmentar demais pode tirar a impressão de unidade, ficariam palavras soltas e não queremos ser herméticos. Contudo, podemos dar os retoques já pensando na estrutura espacial disposta na página.

aqui é seco

rostos tristes
retor
cidos
versos tor
tos

interior distante
retarda
modernidade
retor cida
cidade

- a alegria da cultura global?

me perdi
nonada
seca.

Por que "nonada"? Vá buscar a resposta com o Guimarães Rosa. Separar as sílabas de retorcido realça a idéia torta, percebeu? Se vc olhar com atenção a estrofe do meio, além de uma rima acidental, esta oferece a possibilidade de leituras tais como: opondo "interior", que começa a estrofe, e "cidade", que está na outra ponta; "distante", está equidistante de "cidade" e "interior"; "retarda", por sua vez, e "modernidade" estão estranhamente juntos; e muito mais, basta continuar lendo.

Vc poderia tentar um título, mas jamais algum que mencionasse a palavra cidade, que já está no poema. Muito

menos algo com a palavra retorcido que torna-se um pólo de tensão no poema. Lembre-se que vc não deve fragmentar demais o texto ou ele se torna impenetrável. Faça o teste: se vc puder ler em voz alta, como se fosse prosa, ela ainda faria sentido? Deve sempre haver alguns verbos para garantir essa fluência do texto. Optei por deixar três verbos. Quer mais? Experimente ler só os verbos. Veja o que acontece.

Tão importante quanto isso é saber as fontes. Leia os textos teóricos do Edgar Allan Poe, por exemplo. Leia Manuel Bandeira, os efeitos que ele cria entre som e sentido são incomparáveis. Mas - imprescindível - leia Walt Whitman e Ferreira Gullar, dois mestres da prosa em verso e também da eloquência. Se puder ler apenas os dois últimos será maravilhoso, uma viagem incomparável na força do verso. Complemente tudo com CDA.

Abraços.

Gregório D'Engenho, o aguardente.

